

A CONSTRUÇÃO do GESTO & outros poemas



Pedro Du Bois



Pedro Du Bois, poeta e contista.

Passo Fundo, RS, 1947.

Residente em Balneário
Camboriú, SC. Vencedor do
4º Prêmio Literário Livraria
Asabeça, Poesia, com o livro
Os Objetos e as Coisas,
editado pela Scortecci
Editora, SP. Participante do
Projeto Passo Fundo.

<http://pedrodubois.blogspot.com>

TÂNIA
Poemas



A CONSTRUÇÃO DO GESTO & outros poemas

Pedro Du Bois



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Passo Fundo

1ª Edição - Setembro de 2017

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-Compartilhaqual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Capa: Tânia Du Bois / fotografia trabalhada por Ester M. Silveira Basso / 2007.

D815c Du Bois, Pedro

A construção do gesto e outros poemas [recurso eletrônico] / Pedro Du Bois. – Passo Fundo : ProjetoPasso Fundo, 2017.

15,15 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-306-7

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira.

I. Título.

CDU: 869.0(81)-1

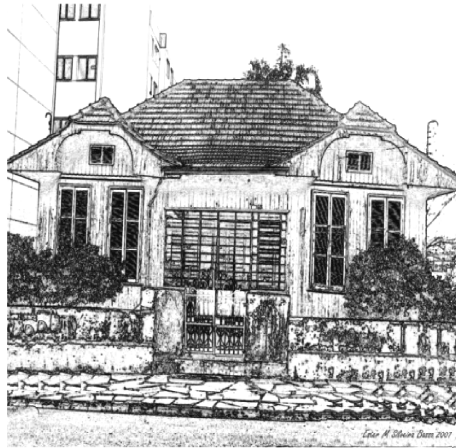
Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Júlia e Luísa
na multidão
a construção do gesto
desfaz a ausência.

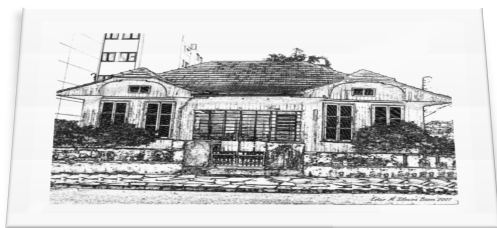
Sumário

- 9** A Construção do Gesto
- 47** A Medida do Peso
- 63** **CIDADES**
- 101** Consentimento
- 127** Centenário

A CONSTRUÇÃO DO GESTO & outros poemas



A CONSTRUÇÃO DO GESTO



(Casa na Rua Capitão Eleutério, entre Gal. Canabarro e a Gal. Osório; anos 40; demolida em 2015. Passo Fundo; foto Projeto Passo Fundo. Gravura a partir de fotos de Ester M Silveira Basso, 2007)

1
O sentido
permitido aguarda
o movimento:

dias e noites
de estático corpo.

No acontecer do horizonte
sei da constância do corpo
sobre a terra:

este o gesto.

2

A forma estática
permite a cristalização
do gesto: inacabada
forma do excesso
no renascimento.

Pétreo
e metalizado.

A madeira
transformada
na forma imortalizada.

Combino com o inerte
o restante do espaço
e me refaço obra
inacabada.

3

Na menoridade
possuída
em tempo
decorro incertezas:

hoje é o dia
em que o nada
é transformado:

ao lodo
gesto
a vontade.

No inerte cesso
conversas antes
do acontecido. O travo
personifica o despossuído.

4

A marca extrapola o senso
do ridículo. Não me pronuncio.

Amarrado em segredo
na minha saída: ir
embora simboliza o rito
desencontrado. A casa
renovada em procuras.

5

Carrego minhas coisas
na arbitrariedade
da escolha. Recolhido
em mim na exatidão
do gesto de renúncia.
Intercalo cores
e formas. Deformo
em negro e
branqueio
o demônio
permanente.

Nego ao gesto
o sentido de estar:
 observo
 o inaudito
 repassado em
 lágrimas.

6

Do animal retiro
a inconsciência de sobreviver
ao desalento no território
conquistado diuturnamente.

Contemplo na estátua
a efemeridade do gesto
contido na materialização
do movimento na certeza
da fragmentação.

O inexistir da vida
nos olhos opacos
limitam a convergência.

Ideias distanciadas
em realidades.

7

Tenho o corpo preso
no pedestal de olhos fixos
e mãos em súplica:
pés sobre a pedra

não contenho o gesto
esperado ao acaso

o corpo inerte
no esforço
com que me transformo
em pó e mágoa.

8

Não me surpreende o gesto
ensaiado ante o reflexo

na solidão do quarto
o movimento
cessa diante
da cortina
encerrada.

Em mim explodem
inércias desencontradas
do que posso fazer
enquanto movido
pelo amor esperado.

9

Como a terra
produzida
em trigos:

a fome sacia
a presença derradeira.

O trugal exemplifica
a cor
e o gesto
amarelado
ao contragosto.

10

Sua mão
senhora
seduz meu corpo
na passagem: ilumina
 incendeia: deseja
o contato: a mão e o tato multiplicam
gestos no avesso da conquista
e de poder estar consigo.

A gesticulação no discurso: silêncio
condescendente ao humor.

11

Mãos invadem o espaço. O corpo se diz
anímico e o reflexo produz
a sombra: cordões conduzem
ao entendimento. Riso
 e lágrima.

Na decorrência escuto construir
a situação no expulsar o demônio
bem situado entre o espírito
e o corpo.

12

O grito é o gesto.
Gesta o murmúrio.

13

Na decomposição da anterioridade
são fixadas amarras no gesto
constituído em oferecimento
e ameaça.

Ao profeta cabe iniciar
o futuro: gesto largo
com que dados
recomeçam
a impropriedade
do passado. Rememoro
o acaso de ser presente.

Não gesticulo
minha sorte: obedeço
aos trâmites
e calo.

14

O animal espreita
a presa. Nenhum
gesto determina
a impureza do ato.

A armadilha estanque
envolve a vida na oportunidade
do revide. A isca observa o predador
e se afugenta.

15

Amado: conquistado coração
oferecido em sacrifício.

O olhar gesticula
no corpo o descompasso
da entrega. O corpo
estremece o irreconhecível.

O medo comparece
na solidificação do sentimento:

entrega
concretizada
na inexatidão
da espera.

16

O desalento constrói o gesto
em farsa. Refaço minha tristeza
em ternura em solicitude
em entregas desproporcionais
ao preço cobrado como prêmio.
Não obedeco. Reconheço
a perplexidade comprovada.

17

A promessa do amanhã
remete o esforço
ao sonho: debate
o corpo contra o estrado
e a cama me oferece
a resistência negada
em entendimento. Durmo
a inexistência da presença
e tenho na imobilidade
o gesto verdadeiro.

18

Oferecimento: corpo
endereçado ao encontro
do espírito desprezado
em ondas. Sofro
o abandono estático
do acontecimento

(no soar das horas
convencionais ao espaço).

Ofereço minha disponibilidade
em gesto concatenado: ressurjo
entre corpos e almas.

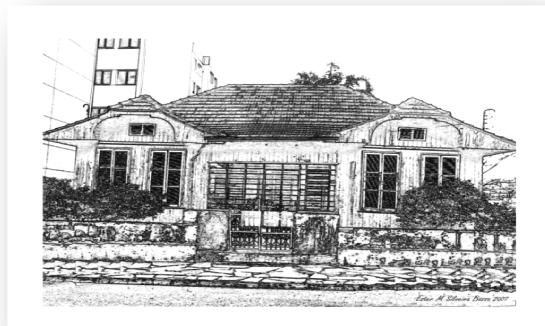
19

O senhor da porta
oferece a chave
da saída. Destravado
na vida presa
no descompromisso
do gesto de despedida.

Não olho sobre o ombro
a necessidade de ir embora.

Aceno minha mão
ao senhor aberto
em reconhecimento.

SEGUNDA PARTE



20

Minha roupa sinaliza o destino:

parca mala considerada
no todo transportado

roupa
sapatos
material de higiene
roupa de cama
e banho
casaco
caderno repleto de gestos

mecanizados pelo medo
de me fazer regresso.

21

O medo na confissão do crime
acometido em tristezas: imagem
congelada ao verso. Não reconheço
o esforço do corpo na comunicação
da perda: organização divisada
no cessar a desconsideração
da ausência em até logo.

22

Sou da espécie a escolha
no encalhe das pedras
submersas.

Dia aclarado
em entranhas no despropósito
de estar apresentado
ao destino: não elenco gestos.

23

Deixo o corpo na paralisação
que me consome
em terras inauditas.

Diverso extrato
olorizo
a inconsequência
da hora aclarada
em gesto.

Cumprimento o adversário
e fujo ao compromisso
do combate. O embate
é início desnecessário.

O gesto é compromisso
descumprido.

24

Reconstruo: retiro do ar
a momentânea oferta
de paz. Movo o corpo
em sacrifício e individualizo
o ser: no amanhecer
o canto da noite
se desfaz em cores.

Ao amanhecer gestos
trocados na madrugada
se eternizam.

25

Menos. Ontem
o esforço concentra
o lado primevo
das histórias. A sombra
em ventos debatidos
me apresenta ao medo.

Menos do que o início.

Ontem o gesto constrói
a arma da sobrevivência.

26

Altars dispensam gestos na solenidade do rito.
A divindade sobre a base. Cantilena.
Mães guardam o consenso
de serem aparentes na displicência
do acaso: altar de forma empedrada
no pouco da incerteza.

Dispensar na altura
a finitude do arremesso:

tenho os pés
presos no espaço.

27

O corpo desenvolve
o momento: sinto
o peso inominável.

Nada sustento
no gesto enquanto
construção e estrada.

28

O cansaço antecede
versos: rimo
 cadencio
 ofereço na ilusão
a imagem das mãos
sobrepostas. A morte
inexiste na sofreguidão
do corpo buscando
 descansar no gesto
 o instante. O espaço

fechado em si
 se repete.

29

Tardio

o gesto
de despedida.

Saudade:

extensão
do gesto
eternizado.

30

Afeito ao ócio
deslizo a imagem
realizada em fatos:

desconsolo
em ser presente ato.

31

O gesto construído
se acoberta
de inverdades: sonho
a destinação da oferta
em que me causo.

Esqueço o que o livro
agora
referenda: por isso a raiva
e o medo
no isolamento.

32

O gesto desigual
partes desinteressadas.

33

A luz ilumina
o corpo cego:

o calor exhibe
sua força.

A física desconsiderada
impede o gesto:
trajeto despercebido.

34

Não testemunho sobre
ocidentes. Oriente
passos diuturnos de ajuda
no descalabro impassível
das tormentas: ontem
a enormidade
da conquista. Hoje
a incosequência
do esforço. Digo
sobre a cegueira e no novo
me faço gesto. Imóvel.

35

Repleto de indecisões
deixo ao artífice
a construção: desenho
cálculos e desobrigo
o pagamento. Ausente
na imprecisão do avesso
e no alvoroço do movimento.
Ao largo o banco balouçante
em concretadas ondas
deprecia a gestualidade
onde feneço.

TERCEIRA PARTE



36

Levanto a cortina
observo: a vista não alcança
a trajetória.

Reingresso entre sons
audíveis do começo. Recomeço
pela janela a busca na entretela.
O pássaro desprende o espaço em voos

(Em lugares conturbados
de pensamentos insones
repousa o gesto desprezado).

37

Na antevéspera o recolhimento demonstra
o inoportuno discurso: recurso.

Inflamadas palavras adjetivam a mentira:
mentir a condicionante da força.

Na véspera o discurso se modifica
e a graça das palavras independe
da condição. A espera no risco
do rito em gestos alcançados.

38

A citação ostenta a sapiência
na elementariedade restrita
dos óbices rudimentares:

estações atrasam
chegadas na simultaneidade
das partidas. O movimento
se move na lentidão
do gesto no lado
de fora das entrelinhas.

39

Mecanizo o ressentimento
e o repito o nauseabundo
esforço de me fazer coerente.

Contemplo a obra inacabada
em paredes flácidas e no desterrar
do modelo liberto de minha
imagem a sombra.

Ocupo a incongruência do discurso
na desfaçatez da obrigatoriedade
do cumprimento.

40

Contemplado em salvaguardas
recoo na intempérie da ausência
em desfeitos gestos inconclusos.

Não determino na sequência ardores
intercalados em lágrimas e medos.

Descuidado aos poucos
na maturidade imposta.

Amadurecer exige o compromisso
pelo destempero no gesto
inercial da indecisão construído
em lares nunca vivenciados.

QUARTA PARTE



41

O choro melancólico
na pureza da criança
remonta à perda
de sua interioridade:

soluça a descoberta
do exterior
alcançado em divindades
e medos. Agarrado
na necessidade do gesto
o movimento é breve
e injusto.

42

Vida própria: subjugada
em necessidades
desconcentradas
no átimo da sobrevivência

abre os olhos e o ricto do
sorriso
aflora. Chora o som
trazido do corpo
da mãe na imprevidência
do susto.

Os pés procuram
a profundidade
desfeita em espaços.

43

Enxerga e não identifica
no gesto resquícius da construção
genética. Não se encontra além
da possibilidade da sobrevivência
nem lhe interessa o som exteriorizado:

apegado apenas
com o que se acostuma
aos poucos.

44

Pouco depois é o adulto
sem ingerência nos métodos
construídos na ambição da ciência.

O andar ultrapassado
da carruagem leva
ao sonho da retomada:

antes da mecanização
avançada dos elementos
predispostos ao uso.

O carro para
em esquinas deterioradas.

A mão se oferece
em gesto de recompensa.

45

Melhor proibir o retorno
se do impossível rouba
a insanidade do ataque

altera a idade: documenta
se fazendo idoso
na voracidade
das eras. Erra o desenho
e vê surgir a espera.

Conduz o agrado ao destino
em gestos encomendados.

46

A luta isola a delicadeza
em brincadeiras: acolhe
o barbarismo em salas
estéreis de reconhecimento.

O obstáculo gesticula
sua bandeira: branco
espaço preenchido em mortes.

No norte imantado
em escolhas resta
o trajeto concebido
concedido
ao extremo.

47

O ator encena a desdita
encerrada entre palcos
e plateias: o gesto
mistifica a irreabilidade
do aplauso
o silêncio
do acaso
o soluço
do nada
a solução
do corpo em cortinas descerradas.

48

O amor transfigurado
em alcances inatingíveis.

Dialogar em silêncios
permitidos aos ouvidos
no som da imanência.

Construir o futuro
sobre o embasamento
atônito dos aconteceres:

ouvir
o apito indistinto
da locomotiva
entre idas e voltas.

49

Diante do estandarte
posto em prova
condena o inimigo
no rigor do gesto
compreendido: iguala
a significância
em concorrências. A condenação
ressurge em altos brados
e o estandarte posto
em ferros não tremula gestos.

50

Contemplado em salvaguardas
recoo na intempérie da ausência
em desfeitos gestos inconclusos.

Não determino na sequência ardores
intercalados em lágrimas e medos.

Descuidado aos poucos
na maturidade imposta.

Amadureço no compromisso
pelo destemperado gesto
inercial da indecisão construído
em lares nunca antes vivenciados.

QUINTA PARTE



51

A obviedade
do gesto
em abraços e beijos: sorriso
dependente do afeto
na fome saciada.

Abro a consciência no universo da troca
e me aceito em órbitas interiores.

Sob o manto da escolha
regresso ao âmbito da tormenta.

52

Minha a incerteza
com que a chuva
recolhe o horizonte
na circunstância
do afeto: muro
desenhado em tijolos
incongruentes no sair
de casa e ver pelas
costas o aceno
tímido da tragédia.

Há o dia da incerteza
e ir embora me faz
contente.

53

A menoridade atestada
na vontade do choro
inconcluso da saudade.

Antecipo o horário
recriado na minha
verossimilhança.

O afastamento carrega dúvidas
inconstantes. O lamento
é a luz do encontro.

54

Nos olhos do menino
retornam adultos
envolvimentos.

Exerço o direito de contemplação
da mágoa aprofundada em mistérios:

o mistério é antecâmara
do medo confeccionado
em teias e pesares.

Ao sacerdote cabe o indigesto
meio da palavra: o que
foi dito em tempos
antes do castigo
obtido na confissão
alheia.

55

Na época apropriada
nuvens descarregadas
inundam terras
em águas inodoras
 insípidas
 incolores

(não tratadas)

preso na correnteza
 nado
 contra a corrente
 que me afaga
em movimentos inconstantes
de gestos desesperados.

56

Não erro descartar
novas canções: fico
a ver navios no longo
alcance dos cometas
prometidos a mim
diante da onda
magnífica cobrindo
o corpo nu
de tentações aceitas.

Não há gesto na construção
do corpo em decadência.

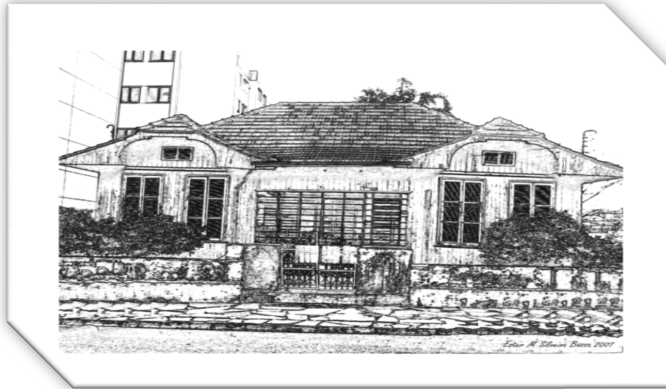
57

A mão se aproxima
do vidro e o descobre
em poeira: escreve
segredos.

O dedo caprichosamente
nega o horizonte
e esfrega o medo
em mistério.

O vidro demonstra
o extremo gesto
em que me escondo.

SEXTA PARTE



58

Três dedais
um grão de feijão
as mãos treinadas
em extremo gesto
se movimentam
em cadência.

Restam três dedais
e o grão de feijão

desencontrados
nos olhos do menino
destreinado.

59

Diverso no cancelamento
da imagem faço restrições
ao corpo gestualizado
na ideia de ser objeto
e objetivo

ser ensandecido
entre peles.

Rasgo
e quebro.

60

Na continuação da espera
despontam novidades
e a velhice me liberta
em desnecessidades.

A rigidez
do corpo
diz do gesto
essencial
na decomposição
da matéria

(na desconstrução
da espécie).

A MEDIDA DO PESO



(Arte de Luísa Du Bois)

I

Sob medida diz o alfaiate
cortando o pano
milimétrico: as mangas
o colete
o cós
as calças
o forro
o lenço
no bolso da lapela.

Tempos idos.
Novidade
refeita em livros escolares.

A maldade atira
a bola de papel
dentro do chapéu
sobre a mesa.

Não há medida responde
o ancião. Não há ancião.
Velho homem desprotegido.
em idades ultrapassadas.

2

A lembrança ilude os sentidos
e o aroma transborda
a panela vazia
sobre a mesa.

A estante contém o passado
necessitado em traços.

O tracejado caminho
desfeito em poeiras
e saudades.

O dia amanheceu lindo:
seco e áspero em sóis
brilhantes. A chuva
desaparecida faz falta.
A sede completa o ciclo
e o corpo desnudo
na cama treme
a febre.

3

Receio não trazer boas notícias
e no silêncio com que me olham
contemplo o medo.

Habito casas diversas e faço
minhas obrigações diárias.

4

A mulher sorri meus olhos
a mulher serve aos olhos
a mulher sorve o conteúdo
inescrutável da vingança.

Homem posto ao relento
sofro a incosequência
do poeta. Fujo em contrições
erráticas e longe
afirmo a prática
inconteste da verdade.

A mulher sorri sua passagem
despercebida na luz apagada.

5

Em tudo resta a paisagem
estática no desgaste
ininterrupto. O desgaste
remonta ao primeiro ser
avivado. A química junta
elementos soprados
em brisas de anoiteceres.

Amanheço e o dia ainda é belo
e a terra ainda é fértil
e o ar ainda é respirável.

O canto do pássaro engana
o cão que late. O gato
sorrateiro foge. Suas presas
mostram a vontade de ficar sozinho.

6

Amo. Em cada amor deposito
confiança: a desconfiança
crescente assoma à porta.
Passo a ser descrédito
e juras de vingança.
Acrescento no depoimento
dizeres dos deuses
em segredos. A artimanha
sufoca o peixe na areia.

Amo. Amores condensados
em dizeres. Olhos em cerrados
contatos sabem do esforço
para conter o espírito no corpo.

7

De longe vêm os justos
não explicados no sentido
da justiça que os trazem.

Impõem regras e dormitam
em nossas casas.

Poetas morrem palavras
não escritas.

Profetas aventuram futuros
inalcançáveis. Livros
contidos na
disposição dos astros
nos perdem em
caminhos

diários de terrenos
áridos.

8

O reencontro conduz a tristeza
no limite da incerteza. Tragédia
inócua em versos
repetidos. O refrão
o bordão
a borda estabelece
a divisória entre o ilusório
e o sonho.

Ouçõ o murmúrio do pedido
e afasto o som. Deixo o sussurro
dominar a esfera: o vento
traduz a segurança.

Das profundezas retiram a glória
imorredoura da sobrevivência.

9

A criança renova a expectativa
e o velho se torna esperança
de vidas melhores.

Meus irmãos se encontram
na perdição do espaço
intercalado entre uns
e outros. Minhas mãos
procuram o desespero
de encontrar o corpo
ao lado.

Rolo em desforço sobre a cama
em acrósticos de despedida.

10

Ontem
hoje
amanhã

sobre o conhecido
desfilo abismos: vejo
a entretela despojada
em anúncios luminosos.

Meu sonho repete o drama
do desconhecimento. Lá
sou desmembrado
das propriedades
na vida diária.

11

Obviedade indescritível.

O passeio público fabrica
estampas decalcadas
em sobrelinhas. Nada
aguardo do oásis
contemplado. A dor
da remessa no regresso.

Uma flor e um pássaro.
Uma dor e um passado.

A flor despetalada em gestos
de contenção e despesas.
O pássaro induzido à armadilha
destranca a porta da gaiola
e deposita no filho
a liberdade
não demonstrada.
Cânticos. Cântaros.
Cantigas de roda.

12

O carro de rolamentos
desce infâncias.
A árvore repovoada
em frutos colore
o pátio.
A voz do pai
soberanamente
determina o futuro.

Obedeço. Obedeço.
Na obediência calo
a constância
em que me faço
adulto.

13

Busca infrutífera.
Homem afogado em rasas
águas. O astronauta despende
espaços de alegrias. Medo
traduzido em obrigações.

A busca da infinitude
represa a continuidade
e nas águas
ressurgem questões
menores: fazer a embarcação
permanecer ao largo.

Prática vontade de amadurecer
aos poucos e se fazer longo
em vicissitudes. A virtude
desacompanhada reafirma
a hora do retorno.

14

Esqueço deuses em afirmações
solenes de ternura. Aqueço a voz
em solertes copos de aventuras.

A sala resplandece a companhia
e a janela entreaberta permite
o acompanhamento do lado
oposto em veracidade.

Na realidade sustento a ingerência
com que minha vida se transforma.

15

Morrer diz a mulher é melhor
do que viver essa agonia. O tom
desacreditado da promessa.

Amortecido em lembranças desligo
o som. Interiorizo o vento congelado
em ossos; minha mão pende: perco
a estratificação da vontade ao ver
na transformação inerte
a tradição consciente
dos erros.

16

Apropriado. O lema contempla
o homem desacompanhado.
Estou como sempre estive.
Lugares comuns. Ares comuns.
Tarefas incomuns de irreverência
e troça. Troco um pé pelo outro
e caio. Troco uma mão pela outra
e obro a edificação da inverdade.

A amoralidade cerca o objeto
em desejo.

Sou pobreza personificada.
Sou a dureza da pedra
lapidada em golpes
de momentos.

17

Sou quem liga o rádio
e não escuta as notícias.
Exigem que a minha hombridade
seja colocada à venda. Na patifaria
me fazem rico. A ocasião da festa
me deixa habilitado ao sacrifício.

Finjo acreditar na contenda e alço
os pulsos em saudações
provocativas na atividade física
recomendada pelo médico.

Na minha idade o pensamento
aguarda o sono.

18

Mesmo assim
sou considerado apto
ao combate

treinado
instruído
capacitado
documentado
rasgado em elogios
embarco

a canoa furada
faz água
desde a partida

a cabeça oca
faz ares
desde a chegada

o corpo estendido
faz solo
na incompreensão
dos fatos.

19

Na voz ao microfone
distingo sua presença: peço licença
e danço suas mãos
sobre meu corpo.

Aproveito os segundos
e segundas-feiras
estabelecem o riso
da fronteira. Amanhã
recomeço a semana.

Você está comigo
e em mim há o contágio
da doença avassalando
o direito de estar vivo.

Sua voz dispensa a parafernália
em soprado ouvido
de materialidade.

20

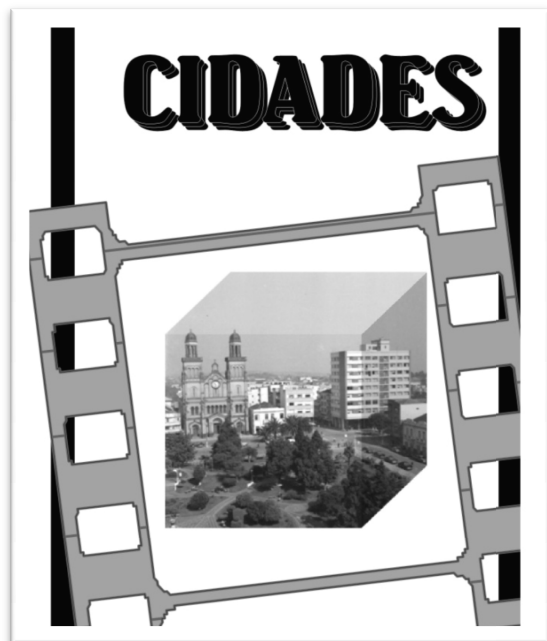
Decido na sorte o azar
da constância com que me atiro
em aprofundamento. Reparo
o dano consentido. Repito
o dano consumido. Resto
em cânone anunciado. Rasgo
o envelope e traduzo
palavras: estou onde não estão
e me farto. Estou onde estão
e me farto. Estou onde preciso
e me farto em desculpas.

21

A esperança transmuda a aflição
no acontecer do sonho na forma
incompleta de me dizer ausente.

Contemplo sua face. Seus olhos
vagos desatinos percorrem
o vazio do espaço: sabe
da inexistência
da barreira.

O barco ignora as ondas
e se afasta. Prático costume
de fazer as malas. Sobre
a estante repousam letras
dispostas em atos de consumo.



“A cidade em estrofe voa em mil”

(Maiakovski)

*(Passo Fundo, 1961, Praça Mal. Floriano; Ronaldo Czamanski;
Projeto Passo Fundo.)*

1

Revisito minhas cidades
em cada segunda-feira:

após o trabalho
resido em ócio.

Minhas cidades se resumem em ruas
desabitadas onde escuto choros
de crianças: antecedente
sono de crescimento.

Antes do anoitecer
antes que seja terça
a feira reproduz distratos: ruas
vêm passar meu corpo
ao ir embora.

2

A primeira cidade
inesquecível: nascimento
e morte entrelaçados
no parto. Cordão cortado
e o curativo.

O umbigo cicatriza
a história não vivida.

O leite materno
na escura noite
despercebida em dias
e meses de mesmas coisas.

A cidade avessa
em comportamentos.

3

Avisto o perto
e diviso o longe:

mediana vista:
choro a fome
o medo e o desconforto
de estar vivo
de continuar vivo
de almejar a vida
que me é transmitida
aos poucos.

4

Ultimado em sentimentos conheço
do extrato a essência no essencial
da sobrevivência: onde
faço a cidade
em ruas descalçadas
em pés desmesurados
em lembranças.

Ultimo suspiros no choro
diurno de estar acordado:

cerdas encerram
ilusões
e sonhos: sufocam.

5

Esquemática em traços
esqueço o começo atravessado
em campos e rastros. Cedo ao progresso
a insinuação da completude:

água corrente correntes
cercas acerca da cidade
escritas ideias ininterruptas.

6

Objetos de delírio
e prazer: a praça
entusiasmada em verdes
árvores não frutíferas
(a decoração)
e bancos colocados
estrategicamente
lado a lado.

Ouso atravessar
seus caminhos
em retangulares
pedras preocupadas
em colocações ligeiras

avanço sobre o canteiro
e espanto o pássaro
decaído em vontades
e fomes: assusto
o pássaro.

7

A cidade diluída
em lembranças
remoça o retorno

velho esquecido
na rua escondida
sob tapumes
de novos prédios

olhar para cima
significa ignorar
o perigo de estar
na mesma rua
e não encontrar
a casa desconstruída.

8

Sou o herdeiro umbilical
do refazimento: a fotografia
expõe a neve
e a chuva

o desfile pátrio
e o jogo de futebol

personagens de eras
cansadas de recordações
em fracos corações.

9

As cidades sobrevivem
no mito labiríntico
da infância e juventude

sobrevêm em deuses
despossuídos
e da divindade
encantada retiram
o ócio na manutenção
do ofício

ter sido o habitante
ter sido o andarilho
ter sido o mendigo
e o médico coletado
em saúdes e saudades.

10

Minhas cidades se repetem
em peças inquebrantáveis:
o cinema fechado em infundável
reforma; o clube decadente
repete diretorias e rainhas;
a igreja ampliada em fiéis
desconfiados de novos milagres.

Não me faça presente em alvoreceres
e madrugadas: refugio-me na noite
indelével dos sonos leves

avivo o fogo memorizado no detalhe
da ressurgência. Amanhã será
tarde para reencontros
e conversas afiladas.

11

Quando cidades se fazem invisíveis
jogam fragmentos de esconderijos
em acumulada paciência:

observo a paisagem despropositada
de altos prédios
em cada janela
espio. Dentro
de casa inexisto
como morador
no descorado da parede
em que permaneço imobilizado.

A cidade imobiliza o encanto
da descoberta invisível transita
entre carros e pessoas indefesas.

12

A tendência da culpabilidade
resta na fétida água
não recolhida
em vasilhas: empoça.

Houve épocas em que as cidades
se admiravam na limpeza
em que alguns
se apresentavam
bem trajados.

Observo: o ciúme amplia o prédio
em frente e pelo meio fio
escorrem vidas naufragadas.

13

Minhas cidades
sombras conduzidas
em muros
e paradas.

A porta entreaberta
permite a entrada
e a saída.

A sombra protege o corpo
antes que a luz se apague
ante a porta fechada.

14

Não pergunto sobre os habitantes.
Respondo vaidades em anos
ditos dos que se foram: foragidos
em suas cidades

retornam.

Foragidos nas minhas cidades
aumento distâncias
reencontradas em sonhos:

habitantes me recebem
sem prodigalidade.

15

Cada casa amurada
em cada parede na fortaleza
de cada janela fechada em destinos
retém imaginada forma de contato.

Cada rua: sentinela
cada esquina bifurcada
cada estilo de vida sintetiza
o inimaginável em resposta.

Cada porta escancarada
em cada chuva eternizada
de cada dia em rotinas
compreende a vontade
de me dizer ausente.

16

Ao amanhecer
a luz
se apaga
artificializando
o dia
revolvido em mistério:

a natureza cega a necessidade
da propriedade encerrada
no ocaso.

17

Sofro cada cidade imaginada
no extremo da idade acumulada

em casas
corredores
ruas
calçadas:
estar em cada
uma ao mesmo tempo
igualadas numas e outras.

Conformo o espaço da lembrança
adoentada em infâncias
envelhecidas: casas
me sustentam.

18

Na antepenúltima cidade
desabitada na atemporalidade
me faço residente em quantidade
de imagens ressurgentes.

Dela trago a chuva
na torrente
e deixo ficar
o espírito
acorrentado
na inutilidade
da mudança.

19

A insensatez finaliza o discurso
na hora viva
de dias mortos.

Quando a madrugada excede
a cidade os de sempre
rompidas amarras
se divertem

com elas mesmas
e mais ninguém.

20

O adereço completa o endereço.
O endereçamento minucioso do estilo
envolpado em números destinatários.

além do formato
dos movimentos
reside a vontade
do regresso: a palavra
de recusa remonta
tempos ocasionados
antes da hora.

Adoro na comunicação expostas
frases de alteradas idades
e passados: endereço na cidade
a peculiaridade restrita aos forasteiros.

21

Espero meu sono tomar o espaço
inaudito. Sonho acordar diante
da janela entreaberta e ver
ao longe
a horizontalidade
do esboço: a cidade é croqui
da família não concretizada.

2

Em cada porta
repito o gesto
de despedida.

Invoco datas consagradas
e me deixo molhar
em chuvas passageiras.

Tantas portas fechadas
tantas lacradas.

Ir embora é levar a porta destrancada
em recolhimento. Segurar a maçaneta
e girá-la ao contrário.

23

Não tenho notícias do vizinho
em afazeres
de rápidas despedidas.

(Nem lembro o nome)

Recordações sanam lacunas
e colocam vizinhos não encontrados
entre rostos desconhecidos.

(Nem tenho o nome)

Notícias são elos em farrapos:
olhar entrevisto na sala de visitas
pela rua igualada em necessidades.

24

Cada cidade comparece no medo
generalizado
de ofertadas pedras
pedrarias
padarias e farmácias.

O lugar imaginado para repouso
é ponto de ônibus
e o despreparo acena
ao próximo táxi.
Luzes acendem ruas igualadas
no que esqueço na incerteza
do regresso.

25

A segunda cidade me ofereceu vida
e trabalho: companheiros inseparáveis
na autofagia
com que me esforço
para compensar
a perda: a vida repele
esperas pela oportunidade
do trabalho concorrido
na certeza da felicidade.

Vida e arte conscientes
da perdição na rua
da cidade revisitada
em rápida passagem.

26

Caracol: extensivo corpo
acobertado revive
histórias descontadas
em regressos.

Destacado entre elementos
a casa se transforma em vida.

Ser sua cidade na permissão
do arrependimento. Escutar
dentro de si alguém bater
à porta.

27

Desconstruo a casa e carrego pedras
em retorno. O barro desenformado
conserva a montanha.

Retiro da parede a fotografia
substituída por outra
igualdade. A casa renasce
na necessidade do conforto.

A conformidade exige vizinhança
de comércio desencadeado
no avesso suportável.

No local da casa desconstruída
há o terreno liberado
em plantas de rasteiras
existências.

28

Sei: ontem cobraram o aluguel
imposto sobre a impropriedade
da minha permanência. Nego
o endividamento coloco em razões
de descobertas. Sei. Sou aquele
permanente: estátua reconduzida
ao pedestal. Cadafalso.

sei: inúmeras passagens
não permitem a permanência.

29

Da janela da primeira cidade
vejo
a segunda
e as seguintes:

estou em meus lugares
feito retornos. Janelas
repetem em desafogo
e afogamentos.

Em cada janela refaço planos
de contingência.

30

Prédios sequenciam ruas
inacabadas. Na ausência
desconstituída do regresso
sou o retrocesso
no trajeto interrompido.

O prédio se opõe ao espaço
vago. O vazio encerra
a terra comprometida. A opacidade
colorida das vitórias no reflexo
negado ao espírito.

31

Encontro o destino no fundo dos olhos
penetrados no extremo da infância.

A redundância
do momento
na perpetuidade
do encontro.

32

Cidades adensam recortadas
em avenidas e becos
de novidades. Espaços de concretos
muros. Prédios alçados à condição
de faróis inexistentes. Suas ruas
perdem a familiaridade e coletivos
reduzem suas paradas. O aparato
refulge luzes descoloridas
na naturalidade com que nos
encontramos pelas calçadas.

O carro para e pela porta
entreaberta o passageiro
teme o desembarque.

33

Sou habitante despercebido
no aglomerado de transeuntes
tornados testemunhas: nada vejo
que me auxilie no dia transcorrido.

Peça de engrenagem
sou visão atrás das linhas
de combate: mão estendida
peço a incompreensão
do estilo. Sou malogro individualizado
em retorno aos lares fechados. Sétimo
homem consolidado em regressos
despojados de justificativas. Sou
a solidão incrustada na multidão
amorfa das conquistas ilusórias.

34

Apenas o braço armado da lei
me alcança em desconfianças.

Na marginalidade imposta
pelo despreparo da utilidade
mofo pequenos cômodos.

O incômodo das respostas
não atribuídas em sonho
inexiste no reconhecimento.

35

A oitava casa à esquerda
de quem olha a rua da primeira
cidade

a segunda casa pós a esquina
para quem vem do sul na segunda
cidade

o apartamento dos fundos no andar
térreo da cidade imersa.

36

O primeiro caminho
na bifurcação. Pedra
cobrindo a terra. Meio fio.

A casa.
As casas.
O casario.

A esquina contempla
reencontros.

37

Na segunda cidade o processamento
igualado em terras apropriadas
ao estabelecimento: o resguardar
do espaço age na defesa
da chegada. À beira do rio
constrói pontes em realizações.

A primeira casa. Silêncio
quebrado em aves migratórias.

A candeia acesa pela noite
até o amanhecer do corpo.

38

Chove sobre a penúltima
cidadela o afogamento.

Árvores levadas ao leito
desfeito em inundados
espaços. A ocupação
das margens geram
atribulações e medos.

Morte ressecada
em terras reconquistadas.

A chuva traça a inutilidade
na chegada
e permanência.

39

Você que acende a luz
no choro da criança

convive medos
de infância
na transformação
do corpo ao envelhecimento

diz da sensação
de ser a responsabilidade
em cada passo iluminado
pela cidade insone.

40

Onde – em qual cidade –
deixo a marca
da insensibilidade?

Não me interessa a parede
a rua
o sinal de estranhamento:

submeto minha idade
no desgosto da partida.

41

Devo ficar
plantado na terra
inercial
de todo sempre.

Não navego a água
impura das descobertas

nem subo no telhado
da casa primitiva.

Fortifico o espaço na descoberta
e me faço surdo
no absurdo do poeta.

42

PORÉM: escuto o som da distância
n curva horizontal da viagem.

Vertigem
em soslaio.

Solto o corpo na ocupação do espaço
e mudo o senso
incomum: cidades se voltam
no corpo libertado
em ilusões.

43

O rio e a ponte
os trilhos e os trens
o footing e a imobilidade no ato religioso
a tela iluminada
e o escuro penetrar
a mente alheia

notícias díspares dos mesmos fatos
na repetição de estar presente
em cada ausência
antecipada.

44

Ignoro a janela.
Paredes atravessam o tempo
decorrido em rabiscos.

Não me importam as ruas:
a numeração indica
a necessidade do encontro.

Deixo aberta a janela ao relento
das cidades resfriadas
em inconsistências.

45

O jardim e o quintal.
O pátio interior.
O terraço
avarandado: cada casa conduz
a vida em recorrências.

Cada cidade repete diferenças
onde se igualam.

De cada uma tenho
o mapa
em que me perco.

46

Reencontradas em reentrâncias
tenho nas cidades a constância
da vida na diferença.

A indiferença com que destroem
e reescrevem suas histórias
em novos prédios maiores.

O espaço vagamente
entrevisto em reencaminhados
passos da constância.

47

Invejo pessoas em permanência.
Anos passados em mesmos passos.
Anos decorridos em mesmas mesas.
Anos atravessados em iguais amores.
Anos cansados.

Ter da infância ao fim
o mesmo trajeto e se dizer
bastante.

48

A inveja forja a busca
no incessante palmilhar
de novas terras. A territorialidade
em apresentações diversificadas
no extremo do reconhecimento.

Falo suas linguagens no desprezo
de me dizer estrangeiro.

Busco a visão geográfica do periférico
ao ostentar inúmeras bandeiras.

49

Trêmula flâmula indica
ao recorrente olhar a grandeza
exposta pelos primeiros donos
do lugar. O tremor da mão
empunha a escrita original.

O temor da retomada
faz da cidade
cidadela: branca bandeira
hasteadada
em alongado olhar
de esperança.



SEGUNDA PARTE

50

Pelo medo carregado
animalizo a cidade.
Animalescas cidades:

o tigre
o elefante
a serpente
o pássaro
a agilidade do coelho
atravessa ruas entre dragões:

dragões extinguem
a nomenclatura das cidades.

51

Deixo de lado o tempo
incurrido na falta de vontade.

idades escabrosas
exibem navios
em portos indistintos

ofertam viagens inalcançáveis
me céus industrializados
de nuvens de fumaças.

Viajo as cidades e nada obtenho
de saudável: levo e trago saudades
esboçadas em linhas de esperanças.

52

Ouço rumores no ruído de roedores.
Sinto a carne estraçalhar
virtudes: pecado originariamente
sobre o corpo
que agora
em outras cidades
clama
por perdão.

A peça decorre em transe
de horários pré-determinados.

Em cada sentença distribuída em horas
entardecidas está plantada a discórdia
das cidades entre si: a sinalização estreita
do descontentamento e a miséria
vislumbrada. Em pequeno aceno
de cordialidade recuo o gesto
defendido em vidros fechados.

53

O vento remete a cortina ao espaço
indefinido: entre e sente diz a voz
convidando o algoz a estremecer
o passo dado ao soldado: a sentinela
exprime o espanto e o estranho
ultrapassa a primeira ponte.

Cidade enfadonhas em crimes
acometidos sobre o parapeito.
Subo degraus e descortino
o horror da cena. A esquina
destruída em nova curva
adjacente em espírito.

54

Vasto império abdicado do mistério
na racionalidade. A raça incrustada
informa sobre a passagem e a água
transborda copos e travessas.

Atravesso fronteiras sem perguntar
sobre a necessidade
de me dizer guardado.

Na minúcia do esconderijo tenho
aguardada a lâmina impenetrável
em ventos.

55

Forma de dizer adeus.
As cercanias da cidadela
estabelecem o horror
do desencontro.

Aprisionado em memórias
dispenso a visão do todo.
Reitero o verbo no tempo
aprazado: escuto músicas
trazidas de terras adiante
da insensibilidade. É verão.

56

Anoto detalhes nas circunstâncias
e vejo crianças passarem rápidas
em colégios de anos e anos.

O passado é apresentado
remédio de maldição: música
entreouvida de forma distinta
da harmonia que na cadência
revolta a terra anterior
da cidadania. Ontem
fomos felicidade
posta à prova: hoje
e amanhã estaremos
em viagens inacabadas.

57

Após certa hora
cidades se igualam
no que escondem:

atrás de cada porta
o dia se repete
(que) do lado de fora
a noite permite
a continuidade.

Então
amanhece.

58

A piora decorre daqueles
que se repetem em insanidades.

A lucidez espaça
verbos
na contração do corpo
ao ensinamento.

Lembro o endereço passo
a passo: minha sanidade
repousa em condicionar
oportunidades
no retorno.

59

Grafito paredes e muros
despejo ao solo o restante
e insiro em cada porta
o envelope: mudo de cidade
como troco de roupas. O escrito
permanece sob a camada de tinta
e o envelope retorna: domicílio
desconhecido.

60

Habitado ao acaso não reclamo
mudanças. Vou embora.

Chego à cidade que faço nova
e a envelheço no pranto da lembrança.

Depois esqueço o trajeto refeito
e me enfeito em outra partida.

Assim vou sem volta.

Cidades se sucedem na negação
da oportunidade. O andarilho
me socorre em novos caminhos
sem volta. Regressar é contemplar
o envelhecimento da memória.



(Arte de Luísa Du Bois)

1 O orvalho sucedâneo alerta
disposto ouvido: recebe a singeleza
da entrega em folhas amorfas
de ressentimentos

desfaz o gozo não permitido
no remédio em descobertas
de altares e ares paralelos.

Sucedo ao engano transformado
no óbolo negado: revê o rio
de águas passadas rebrilhar
nuvens desconformes. Ao passado
resta ostentar o giro alongado
dos cometas.

2 O passado glorificado: letras
inundam a história

- vitória! –
do sobrevivente.

Pés descalços e o rosto encoberto
névoa
treva
trégua
- o interesse pela cena –
encobre o exato
momento
da entrega. O amor
concentra
forças desiguais. O
eterno substitui
a efemeridade do relato.

3 A reportagem fala do antepassado:
mostra a fotografia do crânio fossilizado

especula a necessidade
da sobrevivência.

A natureza consente
atos de bondade: o sítio
arqueológico demonstra
a fugacidade do retorno.

4 Desconsidera na oferta
a farsa perpetrada
ao começo: concede.

Oferta o ressentimento
no saber abstrato
das entregas: cede.

Considera a cena na fala
da personagem antes que luzes
cruzem o espaço entre o palco
e você: concede à plateia
a incongruência em se saber
olvido e folha ressecada.

5 O riso inapropriado dos amantes
na descoberta. A indolor espera
no esgar dos corpos sobrepostos.

Sorri a imediata confrontação
da noite sobre o dia desdito:

consente a tristeza perpassada
em obstáculos e instala
sobre a porta ramos e gnomos:

condiz a impropriedade do discurso
no riso solto.

6 Sua mão sob a mão
outra perna encosta na sua.

Beijos.

Mãos interpostas
em sexo.

A luz apagada
e na tela soldados
percorrem trincheiras
em busca da liberdade.

7 No meio do nada
a mesa
e quatro cadeiras

desocupadas:

o fim do imundo
o fim de tudo
a finalidade
no infindo consentimento
sobre mortes pronunciadas
em silêncio.

No meio do nada
a mesa e quatro cadeiras
destinadas.

8 (A mãe verifica
a procedência
e arquiva
a reclamação: aos filhos
cabe o consentimento
pelos atos maternos. Aos pais
interessam os acontecimentos.)

Não se interessa por detalhes,
arde inconsciente em febres:
amarelado espaço
vago entre você
e a condescendência.

9 Abre a memória colocada
no acidente de percurso.

Várias indumentárias
consentidas no grito
das promessas.

A roupa longe de incluir
o corpo em desarrumado
esboço traça o conteúdo
no sabor dos ossos
e das carnes.

Marca a sequência indolor
da febre e sucumbe
no descalabro
da estar vivo.

10 Ama a quantidade
das saudades: reconta
pedras guardadas
em potes.

Receia recontar as esperas
e do pranto retira a lágrima
teimada ao rosto.

11 O saber estampado
em estantes indispostas
ao longo da varanda.

12 Outro lado disse a voz. Outra voz
disse o lado. Do lado e da voz
tratam dias ultrapassados.

O saber contém poeiras
indelicadas: recados em mãos
traçam trajetórias de idas e voltas.

Mestre em cotidianos
o saber se faz ralo
e infeliz. Saberes
pluralizam
acontecimentos. Devem
conduzir passagens.

Saberes consentidos
em sabres alçados
na condição empírica
do desprezo.

13 A pluralidade dos sentidos
enreda corações
simplificados: nascer
decrecer desaparecer

fosse único: a nuvem
desfeita em chuvas
deixa sobre a grama
epigramas de vontades

consente em letras
incompletas e dispõe
no nada a resposta.

14 Desce as escadas:
oficina aberta em tipos

preenche o quadro
entinta a peça
demora a pressão
sobre o papel

o escrito umedecido
da consciência
desfeita em obras
concretizadas.

15 O oposto supera o esforço
em se fazer bisonho.
Na alegria decora
vozes sussurradas
em opróbrios
de gestos de consenso:

amarga o golpe
na ferida aberta
no fermento

o oferecimento aposta
suas fichas ao relato.

16 Pensa haver ultrapassado
a metade da ponte e a coluna
infiel da força falseia.

O chamado outono
se faz inverno. Ressurge
primavera e faz sonhar
calores e insolações.

Sonha consentir comovidas
esferas mantido alerta
desfaz estações
e medos.

17 Faz da necessidade império consentido:
prostrado ante a realidade repete o jugo.
Inocente em provas invalidadas. A reação
na conclusão da hora.

O consentimento ecoa ares condenados.
O corpo esboça cores na palidez da face.

18 Não se satisfaz em imagens:
observa na sombra
a palavra escrita.

Concorda com a sentença
e se dedica a pena.

Consente: o odor da guerra
esfria os sentimentos

(está limpo).

19 Tardio
o consentimento
conjugado irregularmente
transmite
ao dia o mistério
explicitado na natureza:
diz-se ótimo ser mais
ou menos diário.

20 Ontem a primeira entrega.
Hoje a negativa
do mistério.

Consciente do risco
e da responsabilidade

juiz de arcos
e linhas

o drible desnecessário
conduz o domingo
ao exato acreditar
na semana iniciante.

21 Coerente com o raciocínio
da plateia deixa o jogo livre
e desimpedido de pressupostos.

No dispor dos acontecimentos
pela janela entrevistos
o vizinho julga a necessidade
de cerrar cortinas. Revisa os olhos
no horizonte além do pássaro.

O sentimento é acordo oposto
ao grito. O consentimento silencia
a luz apagada em indisposto
gesto de fadiga.

22 O frio retira a mobilidade
da luz. Condensa a espera
e enfraquece o desdouro
em que se vê.
Na verificação pela chamada
se ausenta em abstenções.

A música traduz sons
longínquos: espreita desvelada
no sinal categórico da existência.

Contempla a permissão de horas
inexistentes: por todo o sempre
e até a chuva
escorrer o passado
conclui o tema errado da significação:
ideia concebida no estranhamento.

23 Antigamente ladrões escondiam
dos filhos
suas vilanias.

(Hoje) expostas em arroubos
de conquistas
consentem histórias
desproporcionadas
no ambiente
hostilizado
de compra e venda.

Ladrões alardeiam façanhas
ultrapassadas em filhos.

24 Consentâneo:

não é
aqui
menos estrangeiro
do que
seria
em Paris

e do que sempre
é
na terra
onde nasceu.

25 Busca na insensatez

a resposta: nega

ao espírito
o corpo intraduzível
como escopo.

Não consente. Aguarda
o próximo carro
e das nuvens
retira o vento
na imobilidade
da perda.

Vitória: procura
e esconderijo no grito
atravessado.

26 A ostensiva força motora
do planeta se repete
em giros. A espiral leva
ao labirinto a sensação
da eternidade. Vence o medo
do arremesso
e no consentimento
encontra a dubiedade
da vitória.

27 O peixe desfaz
a isca em anzóis
presos à garganta.

O ar sufoca
a retirada inconstitida.

A vida derramada
em espaços esboçados
ao opaco: consente vidas
regulamentadas.

A morte resseca a vontade
de ir embora.

28 No isolamento reage
com silêncios.

Desmerece a cela
e das grades afastado
concede ao inimaginável
a incerteza da vitória.
Transforma o monstro
em permanência.

Isolado na racionalidade
do prejuízo em cada página
virada.

29 Raso. Poucas razões superficiais.
O aprofundamento da história
recupera a impessoalidade oposta.

Rasga o papel contido
em letras inacabadas:

a confissão na necessidade
da permanência no engodo.

O erro traduzido
na totalidade
concede ao passado
importâncias desmedidas: raso
e rasgado em inverdades.

30 Vem do concerto
entre a natureza
e o mito: fruto duplicado
na ingerência do nada
sobre a totalidade.

Corpo
e alma: almoça religiosamente
cançonetas arbitrárias
e se debruça em amares.

Mente o verbo na adjetivação do medo.
Concorda com a concertação da vida
entre loucos proprietários
esvaziados de mortes prematuras.

31 A névoa cobre o corpo
desassistido
pela estrada. A velocidade altera
o esboço caricatural da vida
debruçada no sacrifício
da passagem.

Natural diz a gralha
sobrevoando tiros. Artificial
pensa o concreto de naturezas
misturadas.

A mão espaça paisagens.
Brancos cabelos toldam
a jovialidade do reencontro.

32 O consentimento
é irmão menor do arrepio.
Frio estatutário
estuário
leva águas
passadas
ao bebedouro.

Sorve na verdade
a indocilidade
da espera: esperta
hora de aridez
e censura.

Incapaz de perceber o alerta
busca na inconsistência
o refrão: repete
repto
réptil infeliz
no movimento
angular de agosto.

33 A hora tardia refaz
o dia em reprovações.

No interesse da sabedoria
o cantor opina notas
afinadas. A hora
concede o fechar aos olhos.

Inconsentido
em dizeres cala a ferida aberta.

34 O ocaso aparente
do nada retorna lentes
em aprisionados insetos.
O conteúdo na profundidade
do poço. Vaza a água
desnecessária ao banho.

Consente voltar para casa
transformada em apartamentos.

Vaga permissão para pernoitar
em acasos. Acende luzes
intermitentes. Interrompe.

35 (Presta contas de males
inexistentes nos bens deixados
de herança)

O músculo retesado
no objeto multifacetado: brilho
e destino. O colar em volta
do pescoço. Cala a boca.

Dispensado do arrependimento
traz a bacia d'água purificada
em pensamento: banha o escopo
em limpezas inerentes ao futuro.

36 Descreve gestos de ternura
ao futuro concedido na imprecisão
desnecessária ao ato.

Caçador. Caça. Carniça.
Odeia verbos em transitados tempos.
Glorifica deuses na atemporalidade
concedida em medo.

37 Tudo o que precisa
guarda
em gavetas acima
das possibilidades.

38 Estabilizado
em erros se repete
nos acontecimentos.

A voz elevada ensina
o transbordo.

Ouve a ilação dos pássaros
transportados em correntes. Aterrissa
prantos consentidos no que resta.

Permanece acobertado em dúvidas.

39 O que não foi feito
permanece na memória. Esboça
o projeto.

Habitado na oportunidade
de ser concedido
em acompanhamento.

O barulho permite reconhecer
o feito: enquanto fato.

40 Oferece o preço
pedido: denomina a coisa
comprada.

Imagina a travessia
em acordes
de chegada.

Entrega a moeda
e recebe o troco
pelo preço
ofertado.

41 A morte revelada na rigidez
do corpo. Solução entrecortado
de quem se desacompanha.

A oração metálica oferece
espaço na discordância.

Sob o manto inexistente
o instante transporta
o tempo em infinda
complexidade.

42 Ter estado consigo em anos
menores: resguarda o tempo
efetivado em datas.
A incosequência das mãos
entre as suas. O sorriso avisa
da tempestade.

Invade a concordância
em fazeres: o tempo esgota possibilidades.

43 Pessoas maldosas
em passados enraizados
dizem: você é a melhor
pessoa para representar
o todo consentido.

Olha a criança
iniciar passos em tropeços.

Nada pode fazer: tropeçar
é início passado de enraizado
corpo ao fracasso.

44 A raiva intercalada no obstáculo
sobre a face fria do desejo vê em você
a resposta. Sentado em noites
insiste
na pedra o desenho aberto
dos acontecimentos. A concordância
gera males irrespondíveis
e a serpente
fria e pegajosa irrita a terra sinuosa.

45 A mãe disse para ter medo
de acordar durante a noite
e se ver sozinho
no quarto: acorda na madrugada
e nos olhos abertos
vê o escuro.

Não se vê sobre a cama
e pensa haver desconstruído
a imagem apalpada
em mãos geladas.

A mãe dorme no quarto
ao lado: escuta a sua respiração
e vê a distância entre
suas vidas.

46 O destino é acompanhamento
da concordância: aprende
e esquece.

Subjuga a necessidade
do caminho em trilhas:

enxerga o portão
e se faz refém
diariamente.

estende os olhos
e desacorda em sonhos
impossíveis.

47 A impossibilidade desacorda
no vento o enunciado
da sobrevivência: questiona
o arco desfeito em ângulos

horizontaliza
a impronúncia
no desdizer
o barulho: consentido

em silêncio
o corpo resta
no desengano
de ser impotente
aos sentidos.

48 O horror invade o lado interno
e se aloja em projetos: anterior
ao riso a palavra
aproximada
denota a morte
em oferta

(desacordado em erros
mantém o esboço:
inacabado esforço
pela vida)
em definitiva entrega.

49 Despreza no mistério
a concordância: ressoam passos
alegóricos em carências: rasas águas
desprovidas de realidade.

A imaterialidade inexistente.
A necessidade cria o sonho
oposto em recriadas
faces

força e o horror
perdura no inconstituido.

50 Derradeiro gesto: o gosto
definitivo indica o nada. Outra
finalidade na destreza
com que ocupa a cópia.

O pensamento preenche
a inexistente razão
inconsistente.

CENTENÁRIO



Praça Tamandaré., 2005, fotógrafo, Rafael Czamanski;
Projeto Passo Fundo.

1

Aos cem anos se vê viril
e condescendente com gerações
posteriores: porcaria
pensa: passeia pela praia
inventa brincadeiras
descosturadas em ondas

ao longe o barco pesca
peixes e pássaros aleatórios
buscam restos: nada
transformado no ódio
das veracidades.

Conhece a mulher em gritos
e ondeado cabelo: pintado
na hospitalidade
da casa hiperbólica.

Demora em apreender as vozes
da casa. Insiste em abrir a porta.

2

Aos cem anos a história se faz
de conta: goza encontrar a aurora
em sois e músicas.

Mente.

Volta ao barco alargado em mares
literariamente navegados. Das sereias
tem notícias regulares.

Despreza o verbo na ação
continuada do processo. Prefere
interagir entre nada
e coisas feitas.

A mulher debruçada sobre o túmulo
tem nome e ascendência. Tem filhos
proletários. Habita casas populares.
Roga aos deuses o destino. Obedece.

3

Rasga a idade em providências: mito
elevado à potência. Aceita
a mistificação da coisa e no interior
da casa rasga o envelope:
a correspondência aproxima
a calamidade. Mente
aos descendentes sua sobrevivência. Reclamam a
morte não acontecida.
Rezam sua retirada.

A mulher permanece imobilizada
em pensamentos. Raiva e ódio.

A porta em chaves determina
o retorno. O pássaro ilude o tempo
em gritos. Sofre o ancião
a continuidade do abate.

4

(Pela primeira vez
a voz destoa: grande coisa
 pensa
 enquanto
 não
 pensa
 em
 mais
 nada).

O centenário do poeta em efemérides:
declamam perscrutam e se dizem felizes
com prêmios alcanforados: lembra
a cidade natal em imagens
gravada em retinas.

A mulher estende o corpo:
a aspereza adjetiva o vivenciar.
A mão alcança a mão. O sorriso
escapa em culpa: não reage.

5

Parágrafo: em atenções dispensadas
aos que chegam determina verbos
na primeira pessoa. O público
reclama a disparidade entre
o encontro e o ente querido.

Sem grandeza. Os deuses
que permitiram a idade sabem
do desconforto nos cem anos.

Ao redor do mundo em teia e teares
descumpridos em aranhas tece
a história: não foi o herói romântico
o herói anônimo
a sensação de fuga
o trãnsfuga dizendo
as cores no por do sol.

6

Cem anos: muita idade para o mesmo corpo.
Soldado e armistício. Sola de sapato.
Soldo. Peça engastada em pedras.

Criminoso: esconde razões em razões
diversas. Tergiversa.

Desce do ônibus e procura a chave.
De chofre sabe do roubo
no histórico
escolar: uma vez

no tempo derradeiro louva
sua memória. Bebe o líquido
vaporoso do desmembramento.

7

A carteira identifica a idade centenária
e ninguém se importa. Mente. Na senilidade
do encontro alguém canta saudades.

(Todos morrem antes do tempo
e o tempo
inexistente se faz duradouro
em apatia).

Amanhã o dia se fará igual ao dia
de hoje: manhã tarde e noite.
Madruga dores e dúvidas povoam
noites. Na tarde percorre sextas
e de manhã tosse a noite
mal dormida.

Cem anos contemplam viadutos
e vírgulas. Cavalos dissonantes.

8

Não se habilita ao féretro. Na última
vez no cemitério encontrou entre
túmulos a flor vicejada.

Óbices enquanto sorve a sopa:
sorri dentes inexistentes.

Nos cem anos procura o centésimo
primeiro aviso de sua passagem.
Acerto de contas. Naturalidade
com que a vida se recusa
em prêmios: depois esquece
o sustento na hora da morte.

Amaldiçoa a mulher que lhe recusa
amparo. Pernas e peitos
em movimentos felinos. Imagem
infantil do todo. Filmes decorridos
em gritos e gestos: peitos de fora
indicam a maioridade.

9

O regresso em arcas
derradeiras não oferece
descanso e regaço. Tenta
iludir o espaço transcorrido
entre uma vida e outra. Tonto
em pensamentos inigualáveis
sente o adjetivo esgarçado
em palavras sedentas.

Teve vinte e cinco anos.
Teve trinta e oito anos.
Teve mulher e filhos.
Netos e netas.
Teve sogra e sogro.
Teve a insegurança da corda
suspensa. A lâmina afiada.
Voz escorrida em forma de linguagem.

10

Passado oferecido em destaque
da insanidade: olha e vê
 não olha e vê
 olha e não vê
 mais nada.

A cegueira na apoteose suspende
as luzes. No escuro percebe a idade.

Cem anos de atividades febris: amor
depositado na cama não desfeita. Sexo
em incontinentes hábitos. Habita o corpo
da mulher que se faz longe. Compacta
inconsequências e a mulher se faz terra.

No desfile de pássaros animados
em cantos desfaz sua miséria. Plumas
ofertadas aos deuses: desmistifica
a oferenda em prendas oferecidas
no histórico das histórias.

11

Cem anos de guerras e anistias
entre enganos e certezas
desterrados corpos
e ilhados espíritos.

A realização do sonho na terrível
mediação do pacto. Entrega a alma
ao corpo. Corporifica cada miragem
trazida no encontro. Sede e sono.

A mulher traduz o som
em batalhas
em rasas águas
em terrestres flores
concebidas no pecado
com que foram encontrados
os corpos: o centenário afaga
a lembrança do futuro.

12

Desdobra o ventre e o vento
alisa nuvens. Na chuva a natureza
completa ciclos. O cerco
da cidadela na desistência:

vasto pendor de esperanças
no afobamento da obra
não concluída.

A excelência mente sua história
desdobrada em dúbios capítulos.

Capitula diversas vezes: no cenário
oferece a janela
 cerrada
no contrário concede
 a dúvida
 encerrada
ao estuário traz
 o rio em margens
 descontinuadas: a desonra
de se fazer melhor que o nada
no navegar sincero da concordância.

13

Bela mulher se desveste em frente
oferecendo sentidos olhos esbugalhados
de feitiços e prazeres. Mãos dedilhadas ao colo.
Lábios refletidos na inexistência do espelho.

Cem anos consegue completar no tempo
roubado: por menos morreram anos
passados. Por mais são pagas
dívidas irreconhecíveis. O centenário
demonstra a insensibilidade do acaso.

O contentamento deslumbrado
em cores. O vulto se opõe
à sombra e o sentir da pele
denota a consistência:

está presente na ironia
do sorriso. Palavras descobertas
no acenar as mãos e anelar
dos dedos. Ouro derradeiro.

14

(Quando a mulher foi embora:
entre paredes
quadros perderam o viço
e janelas se fecharam
em cortinas. Por muito tempo
ruminou vinganças: branca
luz sobre a vidraça. O opaco
da imagem esmaecida
em banhos obrigatórios).

Cem anos de solidificações
e esboroamentos. Tanto ao sul
quanto ao oeste reveste o espaço
em signos e mitos. O medo

se apresenta em amizades
descompromissadas: sabe
das vertentes e se afoga
em águas paradas.

15

Oposto no dia continuado
oferece à noite o apardacentar
dos gatos imobilizados em olhos
fixados. Na madrugada recolhe
a friagem e deita desacompanhado.

Mulheres desacostumadas
em acompanhamentos: refeitas em cenas
enovelam a vida. Aflitas em encenações
se descobrem em prantos falsificados.

Amanhã na repetição da hora
saberá da traição: a pessoa
conta passagens trocadas
em miúdos da contradição.

Cada erro é confissão.
Cada confissão é paragem.
Cada paragem é retorno.
Cada retorno é erro
não declarado.

16

Oferece cem anos contrários.
Pensa crianças recém-nascidas.
Prefere não pensar.

O choro espalha a casa
na irritação permanente
diante da televisão.

Pode dedilhar notas
ligeiras no piano. Decompor
acordes. Acordar.

A mulher dorme sua morte
desacreditada de ressurreições.
Decomposta tenta retornar
em forma diametralmente
oposta. Testa a uniformidade.
Atesta o óbito.

17

O centenário permanece à beira
do caixão. O túmulo encerra
o afeto. Faz de conta.

Pode ouvir alados cavalos
desfeitos em nuvens. Pode
ver emoldurados fantasmas
desfazendo óperas. Pode
transmitir aos descendentes
o amor no espaço entre dentes: raiva contida
na permanência.

Algumas obras do Autor

Poesia

Os Objetos e as Coisas

Livro da Tânia

A Casa das Gaiolas

Coleção Poeta em Obras – Vol. I a XII

Seres

A Configuração do Acaso

A Obra Nua

A Palavra do Nome

O Coletor de Ruínas

A Infinitude dos Sons

A Árvore pela Raiz

A Criação Estética

Desnecessidades Reentrâncias & Alguns Reingressos

Marina em Poemas

Brevidades

Via Rápida

O Homem em Curva

A Personificação na Máscara

Iguais

Palavras Desenhadas

O Descrédito e o Vazio

Tânia

O Livro Infindável e outros poemas

Poemas

Coleção de Palavras

Contos:

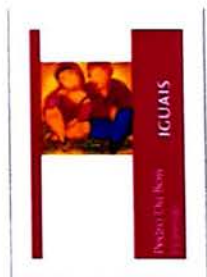
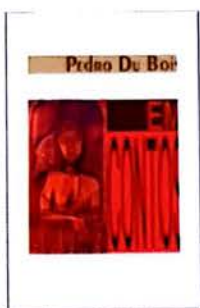
Em Contos



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo

www.projetopassofundo.com.br





ISBN 978-858326306-7



9

788583

263067